



## A VIAGEM NA POÉTICA DE HELENA KOLODY

SOARES, Marly Catarina<sup>1</sup>

**RESUMO:** Cruz Machado é o ponto de partida da vida de Helena Kolody, poetisa considerada pela crítica de valor inestimável, escreveu no Paraná sobre coisas da realidade paranaense e por esta perspectiva se revelou um novo dado nacional. Nesta colônia a filha mais velha e a primeira brasileira da família Kolody nasceu e viveu os seus dois primeiros anos. De cidade em cidade, Helena fixa residência na capital paranaense e deixa seu nome para sempre gravado na memória do Paraná como poetisa. Dos muitos temas explorados pela poetisa em sua poesia, um deles ganha relevo por se tratar de sua ascendência eslava: a imigração e com ela os temas filiados - a viagem e suas variantes, a presença do imigrante, a absorção e acomodação cultural – são temas que visitaram com certa frequência sua poesia. Este artigo objetiva apresentar uma reflexão sobre o tema da viagem que materializa em expressão poética uma experiência por vezes não vivenciada. O tema se confirma e reafirma no deslocamento do imigrante, no sofrimento estampado, na esperança acalentada, no movimento interiorizado, na partida definitiva, nas viagens espaciais, nas formas diversas de escapismo. A viagem como deslocamento do mundo real para um mundo criado a partir de um desejo de ascensão em direção ao infinito materializa-se nas imagens poéticas que compõem inúmeros poemas escritos por nossa poetisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia Paranaense; Helena Kolody; Poética da Viagem.

**ABSTRACT:** Cruz Machado is the starting point of Kolody Helena's life, the poetess considered inestimable by the critics, she wrote in Paraná about things of the State reality and from this perspective it revealed a new national data. In this colony the eldest daughter and the first Brazilian in the Kolody family was born and spent her first two years. From city to city, Helena established permanent residence in the state capital and leave your name forever recorded in the memory of Paraná as a poetess. Of the many themes explored by the poetess in her poetry, one of them becomes important because of her Slavic ancestry: the immigration and with it the affiliates themes - the trip and its variants, the presence of the immigrant, the absorption and cultural accommodation - are themes that visited frequently her poetry. This article presents a reflection about the theme of the trip that materializes in poetic expression an experience sometimes not experienced. The theme confirms and reaffirms in the immigrant displacement, printed in suffering, in the cherished hope, in internalizing movement, in the final departure, in space travel, in the various forms of escapism. The trip as a displacement from the the real world to a world created from a desire to rise toward the infinity materializes in poetic images that

compose numerous poems written by our poetess..

**KEYWORDS:** Paranaense poetry; Helena Kolody; Poetic Journey.

Quando se pensa na poesia de Helena Kolody, há que refletir no deslocamento empreendido pelo imigrante, notadamente o imigrante eslavo, que passa pela experiência de abandonar a terra natal, lança-se à aventura de uma viagem pelo mar, para fixar-se num país distante e estranho com um objetivo: procurar o que não conseguiu encontrar em seu país - melhores condições de vida. Este é um dos motivos que leva o homem a ultrapassar o limite do seu espaço e invadir um território que lhe é desconhecido. O homem viaja, desloca-se, percorre distâncias, desbrava territórios desconhecidos, sempre em busca de algo.

Para Sérgio Cardoso (1988) há dois tipos de homens: os acomodados, alheios às viagens que, mesmo se deslocando, concebem seus movimentos no interior de um espaço ordenado, compacto e pouco acidentado. "Distâncias e direções não fazem diferença porque aonde quer que estejam é como se estivessem em sua própria casa" (CARDOSO, 1988, p. 351-352). Há também os inquietos, curiosos ou insatisfeitos; dificilmente param em casa, se é que chegam a ter uma. São constantemente impelidos para o espaço aberto enfrentando diferentes tipos de obstáculos. A atração pelas fronteiras torna-os inevitavelmente viajantes.

O significado do termo viagem, para usar uma definição de dicionário, indica o deslocamento, caminho que se percorre para chegar de um a outro lugar, mudança de lugar, mas que sejam lugares afastados. Sérgio Cardoso aponta um equívoco nesta definição. Se, por um lado, acertam em definir como distanciamento, enganam-se quando as vinculam ao espaço, ou seja como mudanças de lugar no interior de um mesmo mundo. A verdadeira viagem, para este autor, é aquela que tem um parentesco inequívoco com a atividade do olhar: a viagem tal como o olhar vaza pelos vãos do mundo, temporaliza a realidade reempreendendo a busca de seu sentido (CARDOSO, 1988). O estudo a que se propõe Sérgio Cardoso leva à configuração do viajante virtualmente etnólogo.

(...) o olhar se embrenha pelas frestas do mundo na investigação dos obstáculos ou lacunas que constantemente comprometem a unidade hesitante de significações (quando ele próprio não lhes escava o terreno abrindo fendas nas aglomerações custosamente sedimentadas na duração). Da mesma forma as viagens. Também elas - como o exercício do olhar - têm origem nas brechas do sentido. Se o viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fixar a atenção mais além - no que não se deixa ver, mas apenas adivinhar ou entrever -, é sempre pelos vãos do próprio mundo que ele penetra, na medida em que surge brechas na

sua evidência, abrindo passagens na paisagem ou contornando desníveis e vazios. A viagem, então, como olhar, vazando por esses poros, temporaliza a realidade reempregando a busca de seu sentido. Assim manifesta-se nela a abertura ou indeterminação do mundo, e nesta - para usarmos a expressão de Merleau-Ponty - o escoamento inesgotável do tempo. (CARDOSO, 1988. p. 358 – 359)

O viajante sempre tem algo para contar. Através de suas narrativas põe a público as experiências resultantes de suas viagens. O seu olhar enquanto observador minucioso registra tudo para depois ser contado, narrado de forma simples deixando as coisas aparecerem como na verdade são (PEIXOTO, 1988). Este tipo de narração constitui, na literatura, as narrativas de viagens, ou ainda literatura de viagens.

Em literatura a viagem extrapola todos os limites do real e da interiorização. O deslocamento não é somente físico, está ligado à imaginação, ao sonho como evasão da realidade. Esta prática iniciada pelos românticos foi reelaborada pelos Simbolistas que levaram a limites inimagináveis o significado da viagem enquanto evasão da realidade por meio do sonho.

Segundo Friedrich (1978), Baudelaire chama de sonho, numa concepção mais antiga, as mais diferentes formas de interioridade, de tempo interior, de desejo de evasão. Mas o sentido de sonho ultrapassa todos os limites. O sonho é “cintilante, misterioso, perfeito como o cristal”.

O sonho é uma capacidade produtiva, não perceptiva, que, em caso algum, procede confusa ou arbitrariamente mas, sim, de maneira exata e sistemática. Em qualquer forma que se apresente, o fator decisivo é sempre a produção de conteúdos irrealis. Pode ser uma disposição poética, mas também pode ser provocada por meio de estupefacientes, e drogas ou surgir de condições psicopáticas. (FRIEDRICH, 1978, p. 54).

Friedrich (1978) aponta ainda que para Baudelaire o sonho é uma forma de escape e esta pressupõe a viagem. Não há deslocamento físico, espacial ou geográfico que permita ao homem transformar, olhar o outro. Não há elo de ligação entre o sonho e a exterioridade. Presume-se o olhar para dentro, para uma realidade criada “a partir de uma espiritualidade construtiva que exprime sua vitória sobre a natureza e o homem com os símbolos do mineral e do metálico, e que projeta as imagens que construiu na idealidade vazia, donde elas se refletem, cintilantes para o olhar, inquietantes para a alma” (FRIEDRICH, 1978, p. 55).

A viagem no sentido de deslocamento do mundo real para um mundo irreal proposto por Baudelaire, mundo este imaginado a partir do desejo de ascensão

foi amplamente explorada por poetas brasileiros do século XIX: dentre os quais Alphonsus Guimaraens, Cruz e Souza, Emiliano Pernetá, que marcaram influências confessadas em alguns poetas contemporâneos. Na poesia de Helena Kolody podemos identificar aproximações principalmente com os dois últimos poetas citados. Uma delas é, segundo Antônio Manoel, a ascensão em direção ao infinito. O escapismo materializa-se através dos diversos tipos de viagens: o empreendimento do imigrante que abandona sua terra natal, aventura-se em uma viagem marítima em busca de uma nova vida, o movimento interiorizado possibilitando o mergulho no passado, a partida definitiva representada pela morte e outras formas de escapismo.

A trajetória da viagem na poética de Helena é marcada pelo deslocamento físico, pela travessia tanto para o país de origem dos ancestrais eslavos como destes para a terra “prometida”, com relevo à imigração empreendida. A história dos antepassados assim como a empresa da viagem pelo mar é narrada nos poemas “Saga” (1980 – *Saga*), “Emigrante” (1982 – *Ontem Agora*), “Predestinação” (1951 – *A sombra no rio*), “Convite à Viagem” (1951 – *A sombra no rio*).

A partida do emigrante de sua terra natal, o contraponto entre a tristeza, a saudade e a esperança, o desejo de aventura, as viagens históricas dos conquistadores vikings, e os imigrantes esperançosos são transformados em experiência poética. No poema “Saga” está em pauta a história dos antepassados eslavos. Para narrar a história do seu povo e sua própria história, a poetisa se posiciona como parte integrante dela e promove o movimento de retorno ao passado e se projeta a um tempo mítico-histórico colocando em evidência dois tempos: um passado recente, particular, familiar, próximo e outro distante no tempo, da história de seu povo ao narrar fatos historicamente importantes de épocas distintas: a constituição do povo, as frequentes dominações, os deslocamentos ocasionados pela emigração, dando especial destaque ao que um povo pode considerar como seus valores: a ousadia dos conquistadores, a indomabilidade da raça, a coragem, a esperança e a disposição para o trabalho. O deslocamento está presente nos vikings navegantes, no pranto saudoso dos imigrantes, na travessia dos milênios, na passagem do sertão à cidade de Curitiba.

A saudade do imigrante e a esperança da terra prometida são elementos também presentes no poema “Emigrante”. O momento triste da despedida na terra natal contrapõe-se ao anseio da partida e ao desejo da aventura. De todos os poemas que tratam de temas associados à imigração, neste encontramos uma variação. A troca do /i/ pelo /e/ inicial revela uma tentativa de captar o momento da despedida de quem sai da terra natal e não daquele que já está na terra eleita.

A ideia do deslocamento definitivo e a expressão de um desejo de mudança são o substrato constitutivo dos poemas que tematizam a viagem. Temática comum

não só aos livros mais recentes como também aos da década de 40. Diversos são os poemas nos quais encontramos o roteiro das viagens baseado na saudade, na tristeza da partida, na confiança, na esperança, na chegada à terra estranha. Se pensarmos no fluxo migratório do final do século XIX e início do século XX deve-se considerar que as viagens tiveram o mar por ambiente, a primeira grande dificuldade que o emigrante enfrenta ao sair do seu país. Para a poetisa este obstáculo não é considerado como tal, uma vez que ela coloca a esperança e a vida como minimizadoras da grande transformação, ao mesmo tempo que as toma como elementos propulsores da empresa.

Essa situação de ambivalência, que transita entre a possibilidade e a realidade, entre o que se deseja e o que se realiza, aparece no poema "Predestinação". O sonho e a realidade, o desejo e a obrigação são as possibilidades delineadas. Mas se o objetivo é encontrar um novo mundo, produto do sonho, e a realidade revela-se outra, em tom premonitório ela "aconselha" a se conformar com a realidade apresentada: "Se amanhã aportares, Maria, / A uma terra pujante e bravia / Que nos traços do mapa não está. / Não lamente a sina mudada".

Em "Convite à viagem", o mar apresenta-se como uma opção positiva em relação ao continente, que figura como inóspito. O destino nem sempre é o mais importante, o ato de navegar está em primeiro plano. O mar é o limite entre realidade e sonho. Neste poema define-se a fronteira entre o significado material de viagem tomada como deslocamento físico, que apontamos nos poemas acima, e o significado de viagem que transcende os limites da materialidade. O poema inicia com a movimentação portuária característica de uma viagem marítima, entretanto a viagem toma um rumo inusitado a partir do momento em que se deixa o continente desacolhedor.

Nestes dois poemas (Predestinação e Convite à viagem) instala-se a situação de ambivalência, pois duas situações se configuram: a idealizada e a materializada. Se no primeiro a realidade que se encontra não é a esperada, no segundo há a certeza da partida com todos os preparativos. Entretanto a viagem não se conclui, permanece no "infinito": "Nem tempo nem espaço a perturbar a viagem... / Navegas ao sabor do pensamento / Por águas infinitas".

O deslocamento físico ligado à imigração aparece em vários poemas de Helena. Não raro a viagem se apresenta como forma de deslocamento espacial, possibilitado pelo fluxo migratório. Nestes casos, o percurso representado através do oceano justifica a tradição marítima e a persistência de elementos como aventura, esperança, despedida e saudade. Outro tipo de movimento aparece com certa frequência nos poemas de Helena, através do qual o sujeito lírico introjeta-se, interioriza-se. Neste movimento de interiorização faculta-se quebrar a barreira do

tempo e reconstruir o mundo de um passado distante no tempo e no espaço. Assim é possível materializar paisagens, rios, estepes de outro continente, de outra época, em imagens aos olhos do leitor. Alguns poemas que tratam da imigração nesta perspectiva são da década de 40 dentre eles destacamos: "Atavismo" (1941 – *Paisagem interior*), "A Voz das Raízes" (1951 – *A sombra no rio*), "Presságio" (1966 – *A era espacial*), "Perspectiva" (1941 – *Paisagem Interior*).

Em "Atavismo" o movimento possibilita a convivência mais ou menos harmoniosa das experiências não vividas, mas interiorizadas, e o mundo exterior, real, concreto. O título do poema expressa, de certa forma, o movimento projetado a um passado remoto de um povo nômade. As experiências interiorizadas vividas pelos antepassados juntam-se às suas próprias experiências revelando assim sua interioridade e o mundo do passado se descortina: "Quando estou triste e só, e pensativa assim, / É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim".

Em "Presságio" a existência de um mundo interior construído a partir das experiências dos antepassados novamente se faz presente. A matéria deste poema repete a fórmula dos anteriores: a tranqüilidade, a paz e a serenidade do mundo exterior se opõem ao tormento, sofrimento e ao choro do mundo interior. Nos poemas anteriores, a passagem entre um mundo e outro se dá de forma sutil; há uma espécie de convivência harmoniosa entre a tristeza interior e a serenidade exterior. Neste poema a divisão entre os dois mundos é bastante clara; por serem completamente diferentes, a passagem de um para outro se faz abruptamente. Nele duas instâncias estão muito bem marcadas: a exterioridade e a interioridade. Os dois mundos antitéticos não se afinam, fato este percebido pela composição semântica das palavras que compõem o poema. Um paradisíaco, edênico, que transmite paz, tranqüilidade, clareza, silêncio, imobilidade. Outro de penumbra, de medo, de movimentos que causam a quebra do silêncio.

Além da composição vocabular, a frequência sonora também se modifica nos dois mundos. Nos dois versos iniciais do poema, a predominância de sons nasais, aliada ao vocabulário expressivo, sugere certa clareza, amplitude, duração. A partícula "quando" no início do poema impõe o signo de presságio, anunciando a quebra da tranqüilidade, da harmonia externa e o transbordamento dos conflitos oriundos da interioridade. Por outro lado, o andamento sugestivamente longo, moroso, que parece encompridar os versos de doze sílabas, e a repetição intencional dos sons concorrem para fixar a durabilidade do ambiente edênico que aí se configura.

No restante do poema os sons mais abertos são substituídos por sons mais fechados conferindo ao andamento do poema mais rapidez e compactação. A construção rítmica parece tornar os versos que são mais longos metrificamente em

versos mais curtos e densos, sugerindo mais movimento e uma atmosfera febril, fechada, contrastando com a atmosfera edênica dos versos iniciais. Também no vocabulário este contraste é perceptível. Vocábulos como penumbra, medo, pavores, espavoridos, inquietantes, aliam-se à combinação de sons fechados sugerindo um ambiente escurecido, entristecido, fechado contrastante com o inicial.

Assim percebe-se, na poética de Helena, a intenção de registrar a experiência da viagem real que se transforma numa experiência imaginária através da força lírica e esta possibilita a reconstituição de um passado longínquo interiorizado: um povo, um lugar, uma época bastante distante. À medida que o movimento de interiorização se realiza, a idéia contínua de expansão, ampliação, dá uma conotação de pluralidade, multidão. É comum o uso de vocábulos que fazem parte de um universo plural, concernente ao povo eslavo: almas, ancestrais, raízes, tristeza, solidão, angústia, saudades, estepe, rios, paisagens de neve, paisagem agreste.

A persistência do tema da viagem extrapola os limites da imigração enquanto marco histórico, deixando visível toda a espécie de deslocamento em todos os livros da poetisa. Todos os tipos de viagem aparecem, da partida à chegada, viagens finitas ou infinitas, temporais e atemporais.

Em dois poemas, "O Eterno Ausente" (1945 – *Música submersa*) dedicado à memória do pai e "A Espera" (1964 – *Vida breve*), a viagem no sentido de deslocamento físico associa-se à morte como partida definitiva. Em "O Eterno Ausente" a viagem não é programada, entretanto ela acontece de forma natural, resignada, sem traumas nem escândalos. Dá-se destaque ao inesperado da partida e a forma como esta se deu já na primeira estrofe: "A hora de partir foi tão inesperada! / Fechaste mansamente as portas da morada / E partiste."

No poema "A Espera". O "desconhecido além", "a cidade do meu rei" é o destino. O meio de transporte é a "sombra indefinida". A partida aguardada com serenidade não interfere no andamento natural das coisas: tudo está no seu devido lugar, não há obstáculos que possam interditar a chegada do "momento". Este poema permite pensar na espera como fato que se renova a cada dia, posto que a partida é adiada quando a sombra vai embora, restando ao eu lírico integrar-se novamente à vida. A atmosfera de indefinição que caracteriza o poema é ainda mais acentuada pela presença de exclamações, reticências que deixam as frases vagas, interrogações retóricas que permanecem sem respostas, versos inteiros entre parênteses.

O ponto em comum entre os dois poemas, "O Eterno Ausente" e "A Espera" cujo tema é a viagem como perspectiva de partida definitiva, é o tratamento eufemístico dado à morte. A passagem entre vida e morte não é traumática, é tranquila, quase serena, como se fosse a passagem entre o dia e a noite. A partida definitiva pauta-se

em elementos opostos entre si: vida e morte, dia e noite, tristeza e alegria, luz e sombra, mistério.

Da viagem como partida definitiva, passamos para um outro tipo mais ligado ao plano da realidade, do material, do concreto. No embalo das conquistas espaciais da década de 60, dois poemas propõem viagens proféticas com euforia: "Vênus" (*Era Espacial*, 1966) e "Transuniversal" (*Era Espacial*, 1966). Nos versos oscilantes do poema "Vênus", os mistérios cultivados pelos poetas de todos os tempos são revelados durante a viagem. Na terceira estrofe, entre parêntese, faz-se referência à estrela da manhã e à estrela da tarde, "longínqua soberana dos poetas", numa clara alusão ao poeta de *Estrela da vida inteira*. A estrela que por muito tempo serviu de "esteira" para os versos, tem agora seu mistério revelado pela nave espacial. O que era matéria poética deixa de ser. As estrelas e a face nebulosa de Vênus tornam-se reais e com isto dissipa-se a substância poética que lhes era inerente. Já em "Transuniversal" a viagem ao espaço tem como rumo Aldebarã. A rota traçada prevê as constelações do Zodíaco. A objetividade da viagem aparece ao lado de elementos que nada tem a ver com ela. São presságios e características de signos do Zodíaco: as aspas de ouro de Tauro, o equilíbrio de Libra, as setas de Sagitário. Ao mesmo tempo em que o roteiro da viagem pode conduzir a uma interpretação astrológica, não se pode ignorar que a astronomia admite a existência de constelações cujos nomes são os mesmos dos signos astrológicos. Apesar de prevalecer o ocultismo, este sofre interferência do discurso científico.

Os avanços tecnológicos neles admitidos possibilitam uma previsão de viagens espaciais; até com certa convicção o sujeito poético afirma que "Iremos a Aldebarã". Naves espaciais, planetas conhecidos fazem parte de roteiros que desvelam segredos e desmitificam o que por séculos era um mito: "os presságios dos signos", "a face de Vênus" que chora o "mistério perdido".

Se por um lado, as viagens espaciais são um avanço da tecnologia, e a poetisa se compraz com isto, os problemas advindos da modernidade fazem-na refletir sobre outro tipo de viagem não convencional e condenada pela sociedade. O poema "Trânsugas" (1970 – *Tempo*) faz uma espécie de alerta ao perigo de embarcar neste tipo de viagem e esquecer o caminho de volta: "Mergulham nas alucinações / buscando a dimensão desejada".

Os viajantes são chamados de "desertores do cotidiano", a embarcação é o LSD, e o caminho são as alucinações cujo destino é a "dimensão desejada". As décadas de 60 e 70 assistiram ao fenômeno contracultural originário do movimento *hippy*, que tinha como principal bandeira "embarcar em viagens" proporcionadas pelo uso da droga LSD, mais conhecida e difundida neste período, mas que podem se transformar



numa viagem sem retorno: “Embarcam no LSD / os desertores do cotidiano. / Esquecem o caminho de volta”. A viagem por meio do álcool ou das drogas foi utilizada por alguns poetas a fim de alcançar ou entrar em contato com outras realidades, como forma de escapismo. Mas no poema de Helena Kolody o fato de extraviar-se, esquecer o caminho de retorno, implica em condenação deste tipo de viagem. Paulo Venturelli diz que é um investimento moralista que condena o uso do LSD, atitude inesperada em alguém que, seguidamente, ao longo de muitos depoimentos, mostra-se doce e compreensiva com os jovens e seus desatinos.

Em todos os tipos de viagens abordados nos poemas de Kolody, há a reincidência, além do já visto, da reatualização da viagem como dado do presente, o que leva a pensar num deslocamento contínuo que se universaliza. O passado não acaba, o deslocamento físico, espacial e temporal fundem-se num só movimento. Não são poucos os poemas que falam de uma viagem permanente que, às vezes, está atrelada à passagem vertiginosa do tempo: “Convite”, “Anoitecer”, “Vôo Cego”, “Exilados”, “Infinito Presente”, “Sempre em Viagem”, “Viagem Infinita” e “Sempre Madrugada” (das décadas de 80 e 90) são alguns que abordam o tema nesta perspectiva.

Em “Convite” evidencia-se a permanência das viagens. Toda chegada pressupõe uma nova partida. Se a jornada completa-se fica a idéia de inércia; é preciso que uma nova partida esteja alinhada para que a chegada seja eufórica. Surge, neste poema, um tipo de construção exemplar de uma determinada situação, com efeito de definição axiomática<sup>2</sup>. Tal construção encontra-se em destaque no dístico central, recortada em dois versos encadeados: “chegar é cair na inércia / de um ponto final”.

Os constantes deslocamentos aparecem também em “Anoitecer”. Entretanto, o ponto de vista transfere-se de quem parte para quem fica na espera, para quem a despedida tem sabor amargo. No dístico deste poema, encontramos uma imagem que reconstitui o cenário depois da partida “Cais deserto, anoitecemos / enluarados de ausências”. O deserto e a solidão, em “Anoitecer”, são os companheiros daqueles que ficam.

Já em “Vôo Cego”, a analogia da viagem se faz no próprio título. Elementos como nevoeiro, radar, singrar situam as condições da viagem por mar em dias de nevoeiro. As condições precárias da viagem quando não há visibilidade, seja por mar ou por ar, são análogas ao que se passa na interioridade, onde os “labirintos são interiores”, as “portas seladas defendem mistérios”.

Em “Infinito Presente” a viagem vincula-se à passagem vertiginosa do tempo. “Movimento veloz” é como se define e esta “embaraça” a ilusão de fuga, de evasão do tempo: “No movimento veloz / de nossa viagem, / embaraça-nos a ilusão / da fuga do

tempo.” Neste poema, os elementos que o constituem, materializam a ilusão de velocidade. O tempo define-se como mar e este sugere movimento constante e infinito, como possibilidade de deslocamento, seja pelo movimento das ondas ou como via de transporte. Desta forma, viagem e tempo têm, neste poema, a mesma conotação: movimento, velocidade, deslocamento.

A velocidade, o movimento contínuo e o mesmo tipo de viagem como dado reatualizado sobressaem também no poema “Sempre em Viagem”: “Rodopiando com a Terra, / girando em torno do sol, / viajamos velozmente / pela Via Láctea. / (... tão minúsculos / que nem percebemos / esse estar sempre em viagem.)” Neste poema há a transcendência de todos os limites da viagem convencional, os deslocamentos ocasionais definitivos ou não, por prazer ou necessidade, viagens reais ou imaginárias, enfim, todas as experiências de viagens vividas, relatadas ou narradas. O movimento contínuo da Terra, em torno de si mesma e em torno do sol, provoca a sensação de continuidade, levando-nos à interpretação da hipervalorização da viagem. Os verbos no presente, no gerúndio, os advérbios, o uso da palavra “sempre” no interior dos versos e no título do poema reproduzem o movimento contínuo do corpo em translação e rotação.

Em “Viagem Infinita”, novamente, o “estar sempre em viagem” se confirma: “Estou sempre em viagem. // O mundo é a paisagem / que me atinge / de passagem”. O verso inicial ganha evidência e singularidade. O verbo no presente e o advérbio “sempre” reafirmam o movimento constante.

“Sempre madrugada” é um dos exemplos representativos no que diz respeito ao que Helena Kolody conseguiu em termos de síntese e deslocamento contínuo ligado ao tempo, mas num sentido inverso: “Para quem viaja ao encontro do sol, / é sempre madrugada”. Dois versos apenas compõem este poema, que, pelo seu teor e por sua forma, é comparável a um epigrama. Não há nele uma grande imagem, mas ele convalida a viagem contínua e a perseguição temporal. É possível inverter o processo alucinante da passagem do tempo se o movimento da viagem se reverte em direção contrária a dele.

A viagem, tematizada nestes poemas, sugere ascensão e continuidade. Nesse sentido de uma linha ascensional, o crítico Antônio Manoel faz a aproximação da poesia de Helena Kolody com os poetas simbolistas Cruz e Souza e Emiliano Pernetá:

A simbologia da ascensionalidade, relacional como a anterior, tem seu apoio na existência de uma linha traçada entre um ponto, em terra e outro urânico. Aquele caracteriza o poeta (peregrino, viajante a partir, alpinista, ave em pouso), e este, o alvo almejado (cimos de montanha, alturas, regiões celestes, sol, Luz); a linha da

relação se instaura por meio de imagens de vôos, escaladas, transportes, travessias ascendentes, olhares enlevados, elevação de mãos, etc., e até por meio de referências típicas, como as determinadas pelos verbos ascender, aspirar, alçar, crescer, transpor, ansiar, erguer, subir, voar. Tal simbologia reitera-se em todos os livros da poetisa, onde se articula com o tema do infinito anelo, com raízes no titanismo romântico e com indisfarçável parentesco com o Simbolismo. (MANOEL, 1995, p. 16)

Os deslocamentos vão, na maioria das vezes, em direção ao infinito. O movimento contínuo insinua-se na frequência da rotatividade. A busca pelo infinito, a ascensão perseguida são formas de escapismo.

A poética de Helena Kolody adquire as mais variadas formas em busca de uma expressão única e verdadeira. Sobre esta diversidade nas formas, vale notar o que Tonicato Miranda (s/r) diz:

(...) Helena não se deixou aprisionar pelas formas, experimentou diversas delas, sendo predominante o verso livre e a compulsão para as reflexões sobre a natureza e a existência humana. Mesmo quando era narrativa, cascavinha detalhes onde pudesse apor o desfecho de versos reflexivos, muitas vezes tendo apenas duas palavras. (MIRANDA, S/R)

Para materializar seu universo imaginário em palavras Kolody busca variadas realizações estróficas, que sofrem uma variação de extremo a extremo. Podemos encontrar tanto poemas mais longos constituídos de estrofes que variam de 1 a 10 versos, como poemas menores de uma só estrofe com dois ou três versos. Estes vão se intensificando à medida em que ocorre o que a poetisa chama de “evolução” da sua poesia, referindo-se à tendência de eles se tornarem menores, “mais sintéticos”, “mais essenciais”<sup>3</sup>. Para Antônio Donizeti da Cruz, a poesia de Helena Kolody “evolui no sentido da síntese reflexiva, concisão e alto grau de lirismo espontâneo contido numa linguagem revestida de amor à palavra, à vida, ao fazer poemático” (CRUZ, 1996, p. 86)

Na trajetória analítica do tema da viagem na poesia de Helena Kolody, observamos que, à proporção que ela toma novos rumos, outros roteiros, os versos têm a extensão gradativamente reduzida, perdem o tom épico. Da distante imigração às viagens espaciais, da interiorização à universalização, a viagem permanece na poesia de Helena Kolody como uma forma de sair de si.

O deslocamento enquanto movimento, que às vezes se interioriza e às vezes extrapola fronteiras físicas, geográficas, está intimamente ligado a um outro movimento, independente da vontade, que é o tempo. Em nossa análise este tema é

considerado quando está diretamente ligado ao movimento da viagem, como nos poemas: “Sempre em Viagem”, “Infinito Presente”, “Sempre madrugada”. O deslocamento realiza-se através da passagem do tempo, mesmo que não haja deslocamento físico. Verificamos nos poemas a persistência de elementos que remetem à idéia de infinito: a presença do mar e toda a tradição correspondente a ele, o espaço, o longínquo, o infinito, a ascensão.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Professora Doutora, Adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Estudos da Linguagem e professora permanente da Pós Graduação Linguagem, Subjetividade, Identidade.

<sup>2</sup> Um axioma tem como conteúdo uma verdade máxima que não exige demonstração.

<sup>3</sup> Entrevista ao Jornal do livro nº 7. p. 5.

#### REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. O olhar viajante (do etnólogo). In: *O olhar*. NOVAES, Adauto (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CRUZ, A. D. A poesia sintética de Helena Kolody. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, nº 3, pp.81-87, setembro de 1996.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

KOLODY, H. *Viagem no espelho*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995

MANOEL, A. Helena Kolody: invenção e disciplina. In: *Viagem no espelho*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995.

MIRANDA, T. *Poesia mínima somente para máximos*. S/r.

PEIXOTO, N. B. O olhar do estrangeiro. In: *O olhar*. NOVAES, Adauto (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VENTURELLI, P. *Helena Kolody*. Série Paranaenses, nº 6. Curitiba: UFPR, 1995.